

Título da sessão: *Revistas Open Access: pontos positivos, riscos e relação de predatismo*

Data: 18 de maio de 2023 – 14:00 a 15:30

Palestrantes: *Anand Subramanian (UFPA) e João Gonçalves Reis (Universidade Lusófona)*

Moderador: *Ricardo Cassel (GT Pós-Graduação, UFRG)*

Relatora: *Sandra N. Morioka (GT Pós-Graduação, UFPA)*

## 1. Apresentação do Prof. Anand

O prof. Anand fez em sua apresentação um balanço geral sobre pontos positivos de revistas *open access*, aspectos relevantes sobre revistas predatórias, e pontos de discussão.

**Como pontos positivos**, o Prof. Anand apontou os seguintes aspectos: oferecem acesso livre a publicações científicas, são uma alternativa aos modelos tradicionais de publicação, promovem a disseminação do conhecimento científico, podem levar a uma maior colaboração e inovação na comunidade científica, possuem diferentes formas de acesso: Verde, Dourado, Diamante e Híbrido.

Tipos de acesso	Descrição	Exemplo
<b>Acesso verde</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Também conhecido como autoarquivamento.</li> <li>- O manuscrito pode ser depositado em um repositório (e.g., ArXiv), tornando-o acessível sem restrições.</li> <li>- A versão (e.g., pre-print, post-print) que pode ser depositada em um repositório depende da editora.</li> <li>- Editoras como Elsevier permitem compartilhamento de preprint sem custos e post-print após período de embargo.</li> </ul>	European Journal of Operational Research
<b>Acesso dourado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O autor detém os direitos autorais do artigo.</li> <li>- Artigo permanentemente acessível a todos sem restrições.</li> <li>- Taxa de publicação (APC – Article Processing Charge) necessária.</li> </ul>	Operations Research Perspectives
<b>Acesso diamante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Artigo permanentemente acessível sem restrições.</li> <li>- Periódicos mantidos por sociedades, organizações sem fins lucrativos, universidades ou agências governamentais.</li> <li>- APC não é necessária.</li> </ul>	Journal of Machine Learning Research Production
<b>Acesso híbrido</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso aberto mediante pagamento da APC.</li> <li>- Acesso fechado sem pagamento de APC.</li> </ul>	European Journal of Operational Research

**Como riscos das revistas *open access***, o Prof. Anand apontou os seguintes aspectos:

- Falta de controle de qualidade: medidas de controle de qualidade não tão rigorosas como os periódicos tradicionais.
- Recursos limitados: falta de suporte aos autores e de capacidade de processamento das submissões.
- Falta de reconhecimento: autores podem não ter o trabalho suficientemente valorizado em relação às revistas tradicionais.
- Sustentabilidade: dificuldade de manter um modelo de negócio sustentável, o que pode levar a o encerramento da revista.
- Periódicos predatórios: práticas questionáveis em prol de interesses próprios.

O Prof. Anand também trouxe a definição de periódicos predatórios da Nature: “Predatory journals and publishers are entities that prioritize self-interest at the expense of scholarship and are characterized by false or misleading information, deviation from best editorial and publication practices, a lack of transparency, and/or the use of aggressive and indiscriminate solicitation practices.”

Algumas características de revistas predatórias incluem: aumento expressivo do número de periódicos por ano, aumento expressivo do número de publicações por ano, número excessivo de edições especiais, promessa de publicação rápida, falta de um processo de revisão adequado, elevado índice de auto-citações, cobrança de taxa questionável de publicação, práticas de marketing duvidosas.

Sites como <https://predatoryreports.org/> e <https://bealllist.net/> podem ajudar os pesquisadores a identificarem revistas potencialmente predatórias.

**\*\*\* Tomar cuidado com generalizações. Não são todos os periódicos de uma dada editora que são predatórios. É fundamental avaliar cada revista de forma crítica.**

O Prof. Anand fechou a sua apresentação com os seguintes possíveis pontos de discussão, incluindo impacto na pesquisa, redução dos custos de publicação, sustentabilidade financeira, iniciativas de apoio, transparência e credibilidade, educação e conscientização sobre periódicos predatórios, futuro da publicação científica, a CAPES deve aderir ao movimento open source? Se sim, de que forma? Caso contrário, por quê?

O Prof. Anand enfatizou ao longo da sua apresentação a importância de levar esse tipo de debate aos alunos. É preciso despertar junto aos alunos a visão crítica de o que é uma revista de qualidade e uma revista predatória.

## 2. Apresentação Prof. João Reis

O Prof. João traz a visão da Elsevier sobre a definição de revista predatória. Segundo essa fonte, não há definição precisa. Mas são caracterizados por: periódicos que cobram taxa de publicação, solicita ativamente manuscritos de pesquisa, e não fornecem revisão por pares confiável ou apoio editorial adequado. Segundo ele, esse último ponto é o mais importante. Os demais não necessariamente. Essa visão da Elsevier também aponta que existem periódicos com editores falsos, fatores de impacto falsos ou nomes deliberadamente enganosos. Ainda, essa visão aponta que revistas predatórias apenas indicam que há taxa de publicação quando o artigo já passou pelo processo de revisão.

O professor também traz um contraponto em relação ao MDPI. Há duras críticas ao MDPI da comunidade acadêmica internacional. O MDPI traz como forma de defesa a essas críticas, o fato de que seus periódicos estão indexados em bases reconhecidas como o Web of Science e Scopus. Ao ver o professor, isso é uma boa defesa. Além disso, o MDPI também se defende argumentando que, apesar da velocidade do tempo de revisão ser curto, há sim uma revisão por pares. O MDPI também é transparente de que há APC. Sobre o nome dos journals, o MDPI argumenta que o nome das suas revistas tende a ser curto e não tem intenção de ser enganoso. Em geral, journals sérios rejeitam o artigo se há pelo menos uma rejeição. Mas isso não necessariamente ocorre nas revistas do MDPI.

O prof. João também argumenta sobre a alta taxa de autocitações de revistas do MDPI e que parece que, quanto maior o fator de impacto, maior a APC.

**Contributos pessoais do professor sobre MDPI.** Na visão do professor, MDPI e outras editoras estão sofrendo acusações de legitimidade, mas ainda assim estão nas bases de dados reconhecidas, como Web of Science e Scopus. Ele indica que as altas taxas de APC impedem a inserção de pesquisadores com menos recursos. Ao mesmo tempo, revisores podem obter voucher para depois publicar sem pagar o APC. Parece que há investigadores seniors que recebem waiver, ou seja, não precisam pagar o APC do MDPI.

**Contributos pessoais do professor sobre a Elsevier.** Elsevier também opera com revistas APC altos. Mas há também revistas que não cobram a taxa de publicação. Há possibilidade de pesquisadores em países de baixa renda para evitar o pagamento do APC. Outra questão crítica: há revistas do MDPI que foram compradas pela Elsevier, com mesmo nome e mesmas orientações. Exemplo disso é o Journal of Open Innovation, Technology, Market and Complexity. Ele tinha APC de 800CHF e agora tem APC de USD 1000.

**\*\* Temos que ser críticos! Há sim journals bons e de qualidade mesmo em editoras que têm sido criticadas.**

O Prof. João fecha a sua apresentação com recomendações. Ele é crítico em relação ao termo “predatório”, mas é o que está sendo usado na comunidade acadêmica. As recomendações do professor incluem: publicar em journals indexados (Scopus, Web of Science, etc.), apostar na diversidade (submeter em diferentes revistas), procurar orientações com a comunidade acadêmica, usar outras estratégias para disseminar a pesquisa (não apenas por ser open access). Como outras estratégias há técnicas para aumentar a visibilidade da pesquisa, como boa definição de título, palavras-chave a abstract.

### Debate pós-apresentações:

*Cassel:* A **autocitação** é uma das questões mais críticas que caracteriza uma revista predatória. Como isso pode ser evitado?

*João:* Não é fácil definir o que é uma revista predatória. Mas uma revista predatória é aquela que prejudica o pesquisador, independente do APC. Há uma grande problemática de autores que não sabem que tem o APC e são perseguidos depois que o artigo está publicado. É importante ter um espaço de debate para esse tipo de reflexão. Conversar com outros pesquisadores ajuda a evitar submissões em revistas predatórias.

*Anand:* É fundamental focar na formação dos alunos. Eles precisam aprender a ter uma visão crítica sobre o artigo e sobre o periódico. Isso leva tempo. Por exemplo, precisamos ler o artigo de forma crítica junto com o aluno, e conhecer o corpo editorial. Há revistas que exigem a inserção de artigos desse periódico como requisito para aceite do artigo. Há uma grande ênfase da comunidade em resumir o pesquisador a um número, o h-index. Temos o risco que esse e outros indicadores se tornam mais importantes do que fazer uma boa pesquisa relevante.

*Cassel:* Mais do que “Publish or die”, acaba acontecendo o “Slice or die”. Ou seja, os pesquisadores podem ser levados a reduzir a relevância da pesquisa em artigos menores para melhorar seus indicadores.

*Pergunta do Rafael Barbastefano:* As revistas híbridas têm dado **preferência às submissões em formato aberto**?

*João:* Sim, pois isso aumenta o número de citações. Isso melhora seus indicadores nas bases de dados. Talvez as que não estão interessadas em formato aberto são as tradicionais e mais conhecidas.

*Anand:* Há o risco de uma expectativa de quem tem condições de pagar o APC pode ter vantagens no processo de revisão do artigo. É preciso conhecer que existem esse tipo de práticas

*Cassel:* Há mudanças de **políticas de fomento à pesquisa**? Melhor pagar o open access do que o acesso às bases de dados? É uma forma de economizar dinheiro. Será que isso vale a pena? Isso já está acontecendo?

*João:* Há grande investimento para acesso às bases de dados. Para haver ciência, temos que ter investimento. Há também muita competitividade. Centros de pesquisa também apoiam o pagamento de APC, desde que os journals tenham índices elevados. Esse apoio depende dos resultados de pesquisa anteriores. Em Portugal, se tivessem mais pesquisadores com capacidade, haveria mais investimento ainda.

*Anand:* A CAPES tem coletado informações com pesquisadores para compreender a inclinação sobre as modalidades de open access. Mas precisamos amadurecer esse debate. Considerando que as taxas são em dólares, ficamos a depender da taxa de câmbio. Temos um problema de considerar apenas o fator de impacto para avaliar a revista, pois as revistas têm artifícios para inflar esse indicador. O desafio é saber distinguir se a revista open access é de qualidade.

*Marcell Maceno* Vocês tem alguma opinião sobre as **tendências/rumos das publicações para frente** (Open Access ou não)? E sobre as métricas para pesquisadores (ex: baseado em citações), veem alguma chance de mudança?

*João:* Comissão Europeia é a maior financiadora das pesquisas na Europa. Toda ciência financiada pela Comissão Europeia deve ser divulgada abertamente. Então ela financia também o APC. Apesar de não gostarmos de ser reduzidos a números, mas é a forma como os pesquisadores são avaliados, como em concursos públicos.

*Anand:* O Brasil ainda precisa amadurecer muito sobre o que é uma boa pesquisa. O ideal seria o acesso diamante. Mas há grandes riscos, como a sustentabilidade financeira desse modelo. Com relação às métricas para avaliar o pesquisador, não tem como evitar os indicadores. O h-índice deve ser olhado em conjunto com outros indicadores. Como evitar o “salame-science”? H-index é quase a idade. Não faz sentido comparar um pesquisador mais experiente e outro mais júnior.

*João:* O h-índice de fato tem a limitação de que não avalia a taxa de crescimento. O júnior que tem uma taxa de crescimento de citações maior do que um sr deve ser valorizado. É essencial conferências, networks, para aproximação de pesquisadores júnior com outros mais sênior. Isso pode abrir portas. A pesquisa não pode parar por causa da falta de dinheiro.

*Cassel:* A minha percepção é que o *open access* é um caminho sem volta. O desafio é como regar isso e fazer a auto-regulação. Sobre os indicadores dos pesquisadores, seria ideal avaliar de forma qualitativa. Porém, há o risco de judicialização em concursos públicos. Como achar indicadores coerentes? Isso vale para pesquisadores e alocação de recursos em programas.

*Anand:* Seria interessante ter um indicador “índice leite de pedra”, ou seja, quantos resultados relevantes o pesquisador obtém em relação aos recursos disponíveis.

*Kelly:* A minha reflexão é se a crítica deve ser só para identificar periódicos predatórios...será que também não há outros perfis prejudiciais dos **grandes grupos editoriais**, inclusive os tradicionais?

*João:* Sim, há também esse risco. As grandes editoras também têm seus problemas. Editores sabem quem são os autores e têm interesse de terem pesquisadores de alta relevância internacional com artigos na sua revista. Grandes autores serão lidos de forma diferenciada.

*Anand:* Concordo com João. Mas também há periódicos, mesmo que não sejam open access. Essas revistas são pressionadas pelos indicadores de tempo de resposta. A escolha dos revisores também pode ser duvidosas, para buscar o indicador de tempo de resposta.

Fechamento dos palestrantes: Ênfase na importância em debater esse tipo de reflexão!